

Índice

Prefácio: *C'est ça la neige?* 7

A SINFONIA PASTORAL

Primeiro Caderno

10 de Fevereiro de 189...	17
27 de Fevereiro.	27
28 de Fevereiro.	37
29 de Fevereiro.	41
8 de Março.	45
10 de Março.	53
12 de Março.	57

Segundo Caderno

25 de Abril.	63
3 de Maio.	67
8 de Maio.	71
10 de Maio.	73
18 de Maio.	79
19 de Maio.	83
19 de Maio, à tarde.	85
21 de Maio.	87
22 de Maio.	89
24 de Maio.	91

27 de Maio.	93
28 de Maio.	95
Tarde de 28.	97
29 de Maio.	99
30 de Maio.	103

A Sinfonia Pastoral

Para Jean Schlumberger

Primeiro Caderno

10 de Fevereiro de 189...

As estradas estão bloqueadas pela neve que tem caído ininterruptamente nos últimos três dias. Não pude ir a R..., onde costume celebrar o culto duas vezes por mês, faz agora quinze anos. Esta manhã só havia trinta fiéis reunidos na capela de La Brévine.

Vou aproveitar o tempo livre que me confere esta clausura forçada para regressar alguns dias atrás e contar como fui levado a cuidar de Gertrude.

Projectei escrever neste caderno tudo o que se relacionasse com a formação e o desenvolvimento dessa alma religiosa que julgo ter conseguido tirar das trevas para conhecer apenas a adoração e o amor. Abençoado seja o Senhor por me ter confiado essa tarefa.

Há dois anos e seis meses, regressado de La Chaux-de-Fonds, uma menina, que desconhecia por completo, veio buscar-me à pressa para me levar a uma localidade situada a sete quilómetros, à casa de uma pobre velha que morria. O cavalo não estava desatrelado; icei a pequena para a carruagem depois de ter pegado numa lanterna, pois pensava não poder voltar antes do cair da noite.

Julgava conhecer perfeitamente todos os arredores da comuna; porém, depois de ter passado pela quinta de la Saudraie, a menina indicou-me um caminho por onde nunca me aventurara. Toda-

via, percorridos dois quilómetros, reconheci, à minha esquerda, um pequeno lago misterioso onde fora por vezes patinar quando miúdo. Não tornara a vê-lo desde há já quinze anos, pois nenhum dever pastoral me chama para essas bandas; já não saberia dizer onde ficava, e ele sumira de tal modo dos meus pensamentos que, ao reconhecê-lo subitamente no deslumbramento róseo e dourado do crepúsculo, pareceu-me só o ter visto anteriormente em sonho.

A estrada seguia a corrente que dele se escapava, cortando a extremidade da floresta, para ladear uma turfeira. Por certo nunca me deslocara ali.

O Sol deitava-se e caminhávamos há muito à sombra, quando, por fim, a minha jovem guia me indicou, na encosta de um outeiro, um casebre que teríamos podido julgar desabitado, sem um único fio de fumo que dele se escapasse, aquele fumo que se azula na sombra e se aloura depois no dourado do céu. Prendi o cavalo a uma macieira próxima e fui ter com a menina à sala escura onde a velha acabara de falecer.

A gravidade da paisagem, o silêncio e a solenidade da hora tinham-me transido. Uma mulher ainda nova estava ajoelhada junto à cama. A menina, que eu julgara ser a neta da defunta, mas que era apenas a sua criada, acendeu uma vela fumacenta e ficou-se imóvel, ao pé do leito.

Durante o longo percurso procurara travar conversa com ela, mas só lhe arrancara quatro palavras.

A mulher ajoelhada levantou-se. Não era uma parente, como supusera de início, mas simplesmente uma vizinha, uma amiga, que a criada fora buscar ao ver a sua senhora definhar, e que se ofereceu para velar o corpo. Disse-me que a velha morrera sem sofrer. Pusemo-nos de acordo quanto às medidas a tomar para a inumação e a cerimónia fúnebre. Como acontecia frequentemente nesta região perdida, tinha de decidir tudo. Devo confessar que me sentia um tanto embaraçado por deixar a guarda daquela casa, por muito pobre que parecesse, às mãos da vizinha e da pequena criada. No entanto, parecia-me muito improvável a existência de

algum tesouro escondido num recanto daquele miserável casebre... E que podia fazer? Mesmo assim, perguntei se a velha não deixava algum herdeiro.

A vizinha pegou então numa vela, que dirigiu para um canto, e assim pude distinguir, acororado na lareira, um ser incerto, que parecia adormecido, com o rosto quase todo tapado pela espessa massa de cabelo.

— Esta menina cega. Uma sobrinha, segundo a criada. Parece que a família se reduz a isto. Terá de ser levada para o hospício, senão, não sei o que será dela.

Fiquei chocado ao ouvir decidir assim do destino da menina, mesmo à sua frente, preocupado pela tristeza que lhe podiam causar aquelas palavras brutais.

— Não a acorde — pedi suavemente, para incitar a vizinha a baixar ao menos a voz.

— Oh, não creio que esteja a dormir. Mas é uma idiota; não fala e não compreende nada do que lhe dizem. Desde que estou aqui esta manhã, quase nem se mexeu, por assim dizer. A princípio pensei que fosse surda. A criada pretende que não; diz, muito simplesmente, que a velha, essa sim, efectivamente surda, nunca dirigia a palavra nem a ela nem a mais ninguém, e que há muito só abria a boca para beber e comer.

— Quantos anos tem?

— Uns quinze, suponho! Quanto ao resto, não sei mais que o senhor...

Acudiu-me logo ao espírito tomar eu próprio conta daquela pobre miúda abandonada; mas, depois de ter rezado — ou, mais precisamente, durante a prece que fiz ajoelhado, entre a vizinha e a pequena criada, ambas também ajoelhadas à cabeceira da cama —, pareceu-me subitamente que Deus pusera no meu caminho uma espécie de obrigação à qual não me podia furtar sem dar provas de uma certa cobardia. Quando me levantei, já tinha tomado a decisão de levar a menina nessa mesma tarde, embora ainda não me tivesse verdadeiramente perguntado o que faria depois com ela, nem a quem a confiaria. Fiquei ainda alguns momentos

a contemplar o rosto adormecido da velha, cuja boca enrugada e encovada parecia apertada como os cordões da bolsa de um avaro, instruída para nada deixar escapar. Em seguida, voltando-me para a cega, revelei a minha intenção à vizinha.

— É melhor que ela não esteja aqui amanhã, quando vierem levar o corpo — disse ela.

E foi tudo.

Muitas coisas poderiam realizar-se com grande facilidade, não fossem as objeções quiméricas que por vezes agrada tanto aos homens inventar. Quantas vezes, desde a infância, não somos impedidos de fazer uma ou outra coisa que tanto nos agradaria, simplesmente por ouvirmos dizer à nossa volta: «ele não poderá fazê-lo» ...

A cega deixou-se levar como uma massa inerte. Tinha os traços do rosto regulares, muito lindos, mas perfeitamente inexpressivos. Eu pegara num cobertor que estava sobre a enxerga onde ela devia descansar habitualmente, num canto da sala, debaixo de uma escada interior que levava ao sótão.

A vizinha mostrara-se complacente e ajudara-me a cobri-la cuidadosamente, pois a noite, muito clara, estava fresca, e, depois de ter acendido a lanterna da carruagem, voltei a partir, levando, enroscado a mim, aquele monte de carne sem alma, cuja vida só detectava através da comunicação de um tenebroso calor. Durante todo o trajecto, pensava: estará a dormir? quanta escuridão não haverá no seu sono... E, num caso destes, como diferenciar o estado de vigília do sono? Hospedeira daquele corpo opaco, uma alma emparedada aguarda, sem dúvida, que um raio da Vossa graça a venha tocar, Senhor! Permitis que o meu amor possa, quiçá, afastar dela as medonhas trevas...?

Preocupo-me demasiado com a verdade para passar em silêncio o modo desagradável como fui recebido ao voltar a casa. A minha mulher é um jardim de virtudes, e mesmo nos momentos difíceis que tivemos por vezes de passar não me foi dado duvidar um só instante da qualidade do seu coração; porém, a sua carida-

de natural não gosta de ser surpreendida. É uma pessoa amante da ordem, que faz questão de não ficar aquém nem ir além do dever. A sua própria caridade está regulada como se o amor fosse um tesouro esgotável. É o nosso único pomo de discórdia...

Quando me viu regressar essa tarde com a pequena, o seu primeiro pensamento escapou-se-lhe num grito:

— Que encargo foste ainda arranjar?

Como acontecia sempre que tinha de haver uma explicação entre nós, comecei por fazer sair os miúdos que estavam ali espedados, boca aberta, surpreendidos, cheios de perguntas. Ah, como este acolhimento estava longe daquele que desejara! Só a minha pequena Charlotte começou a dançar e a bater palmas quando percebeu que algo de novo, algo de vivo, ia sair da carruagem. Mas os outros, já formatados pela mãe, não tardaram a refrear o seu ardor e a pô-la na ordem.

Houve um momento de grande confusão. E como a minha mulher e as crianças ainda ignoravam que tinham de lidar com uma cega, não entendiam o extremo cuidado com que eu lhe guiava os passos. Eu próprio fiquei extremamente desconcertado pelos estranhos gemidos que a pobre enferma começou a soltar assim que a minha mão largou a sua, que eu segurara durante todo o trajecto. Os seus gritos nada tinham de humano; dir-se-iam latidos de queixume de um cachorrinho. Arrancada pela primeira vez ao círculo estreito das sensações habituais que formavam todo o seu universo, os seus joelhos fraquejavam; mas assim que lhe trouxe uma cadeira, deixou-se cair no chão, como alguém que não soubesse sentar-se. Levei-a então para junto da lareira, e ela recobrou um pouco de calma quando pôde acocorar-se na posição em que a avistara pela primeira vez no casebre da velha, encostada ao pano da chaminé. Na carruagem já se deixara deslizar para baixo do assento e fizera todo o caminho anichada aos meus pés. Entretanto, era ajudado pela minha mulher, cujo primeiro gesto natural é sempre o melhor, embora a sua razão lute constantemente e leve muitas vezes a melhor sobre o seu coração.